

Índice

Prefácio	11
1. Sobre o riso	15
2. Trocistas e escarnecedores	51
3. Incongruências	83
4. Humor e história	111
5. A política do humor	155
Notas	185





Prefácio

Existem muitíssimos estudos acerca do humor que começam com o reconhecimento envergonhado de que analisar uma piada é dar completamente cabo dela. Na realidade, isso não é verídico. É verdade que, caso queiramos provocar uma risada, é desaconselhável contar uma piada e dissecá-la ao mesmo tempo, do mesmo modo que se diz que alguns presidentes dos EUA não conseguiam andar e mascar uma pastilha ao mesmo tempo; mas não existem muitos comediantes que proponham um questionamento teórico acerca dos seus chistes no preciso momento em que os apresentam. Regra geral, aqueles que o fazem encontram-se em centros de emprego e não em bares ou em teatros. (Existem, sem dúvida, exceções, como o comediante Stewart Lee, brilhantemente original, que desconstrói a sua própria comédia à medida que avança, analisando a reação do público.) Caso contrário, o humor e a análise do humor são perfeitamente capazes de coexistir. Saber como funciona uma piada não a sabota necessariamente, do mesmo modo que saber como funciona um poema não o destrói. Nesta como noutras matérias, a teoria e a prática ocupam esferas diferentes. Um conhecimento anatómico do intestino grosso não impede que desfrutemos de uma refeição. Os ginecologistas





podem ter vidas sexuais satisfatórias e os obstetras podem falar carinhosamente com os bebés. Os astrónomos, que se confrontam todos os dias com a condição absolutamente insignificante da Terra no seio do Universo, não se tornam alcoólicos nem se atiram de um penhasco, ou pelo menos não o fazem por esse motivo.

Existem, sem dúvida, inúmeras explicações do humor com uma surpreendente falta de graça nas estantes das bibliotecas. Alguns desses estudos estão amplamente recheados de gráficos, tabelas, diagramas, estatísticas e relatórios de experiências laboratoriais(i). Um trio mal-humorado de investigadores científicos parece, inclusivamente, pôr em dúvida se existem, de facto, piadas. No entanto, há também alguns comentários esclarecedores, tendo eu recorrido, neste livro, a uma série deles. As teorias do humor podem ser tão úteis como as teorias da poligamia ou da paranoia, desde que sejam marcadas por uma certa modéstia intelectual. Tal como quaisquer hipóteses profícuas, têm de reconhecer os seus próprios limites. Haverá sempre casos anómalos, enigmas sem resolução, consequências estranhas, implicações inconvenientes, e por aí fora. As teorias podem estar repletas de discrepâncias e, ainda assim, desempenhar uma função proveitosa, do mesmo modo que uma fotografia desfocada de alguém pode ser melhor do que não termos fotografia nenhuma, e que um trabalho que mereça ser realizado merece, normalmente, ser mal realizado. O incomparável William Hazlitt cita um outro autor, Isaac Barrow(1), que observou que o humor é um fenómeno tão «versátil e

12



⁽¹) 1630–1677, teólogo inglês. [Todas as notas de rodapé identificadas no texto com numeração árabe são do tradutor.]

multiforme» que é impossível encontrar qualquer definição completa dele:

Por vezes, reside numa pergunta maliciosa, numa resposta inteligente, numa justificação equívoca, numa insinuação astuciosa, em afastarmos ardilosamente uma objeção ou em repormo-la habilmente; por vezes, expressa-se através de um mecanismo discursivo arrojado, de uma ironia ácida, de uma hipérbole vigorosa, de uma metáfora surpreendente, de uma reconciliação plausível de contradições, ou de uma absurdez acentuada [...] um olhar ou um gesto miméticos passam por sê-lo; por vezes, uma simplicidade afetada, outras vezes, uma frontalidade presunçosa estão na sua origem; por vezes, nasce apenas da sorte de nos depararmos com algo estranho: outras, desvirtuando um assunto óbvio para esse fim; outras ainda, consistindo em não se sabe o quê, e surgindo sem que se saiba como [...]. É, resumindo, uma maneira de falar fora da forma simples e evidente [...] que, por meio de uma bizarria bastante surpreendente de conceitos ou expressões, atinge e diverte, porventura, a imaginação, provocando-lhe espanto e, bem assim, prazer.(ii)

Só um teórico imprudente procuraria enfiar tudo isto numa só fórmula. Ainda assim, o humor não é simplesmente um enigma, o mesmo se aplicando à poesia. É possível dizer algo relativamente convincente e coerente acerca da razão por que nos rimos, conquanto caiba ao leitor avaliar se eu o fiz nestas páginas.

T. E. 2017